

APRESENTAÇÃO

Marília Murta de Almeida¹

Esta edição da Revista Annales FAJE apresenta treze artigos produzidos pelos estudantes do Programa de Iniciação Científica da Faculdade, sendo doze deles do ciclo que se encerrou em 2024 e um remanescente do ciclo 2022-2023. Os textos mostram um pouco do que foi pensado e organizado pelos estudantes ao longo de um ano de pesquisa e debates em torno de suas ideias e propostas.

Entre os trabalhos teológicos, iniciamos com o instigante texto “O Deus Queer fazendo aliança em corpos dissidentes”, de Carmine Carano. Partindo da problematização proposta pelas pessoas gays, lésbicas, transgênero e todos os dissidentes das normas sexuais e de gênero à normatização imposta por certas vertentes das igrejas cristãs, Carmine chega à proposta de que o Deus cristão é um Deus Queer, ou seja, aquele que acolhe todos os corpos, em sua diversidade inerente à liberdade com que foram criados por este mesmo Deus. A vivência da sexualidade e a expressividade dos corpos humanos é sinal da presença criativa do Deus que nos ama livres, porque nos fez livres.

Este mesmo Deus que nos cria e nos acolhe como seres livres nos toca e nos faz sentir sua presença por meio dos sentidos de nossos corpos, como mostra Randy Fernando Romero Morillo, em seu “Em busca de uma espiritualidade encarnada: a abertura da condição humana à vida divina à luz da mística do cotidiano de José Tolentino Mendonça”. A teologia de Tolentino Mendonça volta a atenção para os pequenos movimentos da vida concreta e neles encontra a presença divina a que temos acesso por meio de nossa própria vida. Segundo essa via mística, na minúcia do cotidiano reside o Deus que nos criou, nos acolhe e se comunica conosco.

Tolentino Mendonça está presente também no trabalho de Ivaneudo Rodrigues Alves, “A experiência alimentar como um instrumento de construção de uma consciência mística e de aproximação com Deus”. Partindo da apresentação do que é a teologia da alimentação, Ivaneudo reflete sobre o significado das ações de Jesus em torno da mesa e do ato de comer em companhia. A comunhão surge como algo inerente à prática alimentar que nos reúne em torno das mesas ao longo do tempo e em todos os lugares. Comer junto, alimentar a si e ao outro, se alimentar do que o outro oferece e se oferecer como alimento são facetas de toda uma gama de símbolos que permeiam as relações entre as pessoas e delas com o seu mundo. Sob a perspectiva da criação, o alimento é dom do Deus que nos criou em meio a um mundo exuberante de dádivas. O alimento recebido como dom é caminho para que cada um prossiga no caminho do dom, fazendo também de si oferta aos outros e ao mundo.

¹ Coordenadora do PIBIC FAJE e gestora acadêmica do PIBIC no Departamento de Filosofia. Psicóloga, mestra em Filosofia pela UFMG e doutora em Teologia pela FAJE. E-mail: mariliama@faje.asav.org.br

José Manuel Gómez González, no texto “Vulnerable y perdonado(r): una contribución ético-teológica pós-moderna”, desenvolve uma compreensão do perdão como experiência existencial capaz de criar as condições necessárias para a reconstrução do tecido social, quando este foi fraturado por contínuas ações violentas. A dimensão do perdão, portanto, teria alcance muito maior do que aquele das vidas individuais, teria um potencial curativo em âmbito coletivo. Entretanto, o perdão é também dom, pois só é plenamente alcançado ao ser tocado pelo Deus que crê em nossa capacidade amorosa e diante do qual somos todos semelhantes em nossa fragilidade e vulnerabilidade. José Manuel também trabalhou a partir da obra de Tolentino de Mendonça, assim como da de Carlos Mandonza Álvarez.

Ainda numa dimensão relativa à experiência da fé, mas agora com ênfase antropológica, Tomás Browne Urzúa apresenta uma bela reflexão sobre a inquietação humana a respeito do sentido da existência no texto “Lidiar con la inquietud: una anatomía cristiana de la pregunta por el sentido”. Recorrendo a diversos autores, entre eles Paul Beauchamp e Emmanuel Lévinas, Tomás parte fenomenologicamente da inquietude percebida na experiência humana diante da impossibilidade de apontar um caminho único que ofereça sentido à existência, assim como da possibilidade da ausência de sentido, questões que podem colocar em questão o horizonte oferecido pela teologia cristã. Deste modo, a pergunta sobre se um cristão deve se perguntar sobre o sentido acompanha todo o texto e termina por mostrar que a fé é caminho que confere sentido, mas não é caminho permanentemente seguro, pois a inquietude está em seu início e não desaparece em seu percurso.

O caminho da esperança cristã é também apontado por Douglas Turri Toledo em seu “Capitalismo em questão: a visão da *Fratelli Tutti* como resposta e caminho de esperança”. Após traçar um panorama geral do modo de vida estabelecido entre nós pela visão de mundo capitalista, com sua gama de valores tornados padrão em boa parte do mundo, assim como em suas consequências problemáticas para a vida em sociedade e para a vida do planeta, Douglas aponta a fraternidade, tal como esboçada pelo Papa Francisco em seus documentos, especialmente na encíclica *Fratelli Tutti*, como via de saída para a crise. Contra a competitividade, a exploração desmedida, a lógica da acumulação, o horizonte cristão oferece a saída da irmandade, do cuidado e da partilha.

Os dois últimos textos teológicos se dedicam aos estudos bíblicos. Emanuel Messias Almeida, em seu “Entre o vetusto e o atual: a compaixão como elo semântico de unidade”, apresenta uma leitura da parábola do rico e Lázaro, do Evangelho segundo Lucas, em diálogo com o livro de Amós, como o objetivo de mostrar que o Deus compassivo que vemos em Jesus é o mesmo Deus do Primeiro Testamento. A continuidade da presença amorosa do Deus que compreende e perdoa é o fio que percorre todo o conjunto dos textos bíblicos.

E Andrea Marelli, no texto “O caminho da *exousia* no Evangelho segundo Marcos. Perspectivas para uma Igreja sinodal”, faz uma extensa pesquisa exegética nos escritos de Marcos, em torno do tema da *exousia*, palavra muitas vezes traduzida como *autoridade*, mas que revela uma complexidade maior em seu significado. Andrea chama a atenção para

a relação entre a problemática da autoridade com a da sinodalidade, a partir do uso que Marcos faz da noção de autoridade ao relatar as ações de Jesus. Jesus tem autoridade e a confere aos discípulos, ou melhor, os estimula a perceber e fazer uso da autoridade que eles próprios possuem. Assim, num horizonte de relações em que todos partem da ideia de que o outro também possui autoridade para participar das tomadas de decisão ou de elaborações teóricas, a sinodalidade tem a chance de prosperar como modo de condução de instituições ou outras configurações de coletivos humanos.

Passemos agora aos trabalhos dos estudantes da filosofia.

Lucas Lima apresenta dois textos, frutos de dois anos de trabalho no PIBIC, dentro da mesma pesquisa no campo da filosofia da mente. No texto finalizado em 2023, Lucas esclarece o conceito de onisubjetividade, desenvolvido por Linda Zagzebski. Com este conceito, a autora pretende mostrar que os atributos normalmente conferidos a Deus pela filosofia, como onipotência, onisciência e onipresença, não são suficientes para mostrar o modo como Deus pode nos conhecer e nos perdoar plenamente. Propõe então a noção de onisubjetividade, a partir de uma correlação com a empatia, como capaz de explicitar a capacidade divina de penetrar a subjetividade humana.

Já no texto “A dor como um tipo natural”, Lucas apresenta a argumentação de alguns autores em torno do debate sobre se a dor seria ou não um “tipo natural”, ou seja, se a dor é um fenômeno sujeito a ser explicado de forma generalizante. Tal questão é pertinente pelas implicações teóricas dessa possibilidade; se for possível construir um conhecimento teórico geral sobre a dor, esse conhecimento tem aplicabilidade nas ações humanas em relação à dor. Vê-se que se trata de temática relevante para uma filosofia da medicina. Em seu texto, Lucas discorre sobre posições divergentes em relação à questão proposta e conclui pela resposta positiva, a dor seria, sim, um tipo natural, melhor explicada pelas teorias de tipo representacionista.

No campo da filosofia da religião, Fillipe Lima, no texto “Pensando a religião com Raimon Panikkar”, explicita o modo como o filósofo/teólogo Panikkar compreende o fenômeno das religiões. Fillipe mostra como Panikkar elabora um amplo sistema compreensivo em que as religiões surgem entrelaçadas no horizonte das questões humanas, em suas mais diversas possibilidades. A amplitude da compreensão expressa o interesse do autor em construir pontes relacionais entre as religiões, que seriam também pontes de diálogos entre os povos.

Lucas Santos encarou o desafio de compreender a problematização que Nietzsche faz da moral, em seu “Nietzsche: A moral dos fracos e a superação pelo além-homem”. A partir da explicitação da genealogia da moral, tal como elaborada por Nietzsche, Lucas mostra a tensão estabelecida pelo autor entre força e fraqueza moral e sua proposta de que somos capazes de alcançar um modo de vida que está além do humano, além do bem e do mal, e só assim realizaremos plenamente a potência criativa que portamos. O plenamente humano estaria além do que temos comumente entendido ser o humano.

Por fim, Diego Emanuel Pinheiro Antunes apresenta uma resenha do livro *La curación por la palabra en la antigüedad clásica*, de Pedro Laín Entralgo. Neste livro, o autor faz um amplo percurso em torno do tema da palavra curativa no contexto da antiguidade clássica. Diego trata de apresentar o livro, ressaltando a pertinência da temática para o nosso tempo atual, quando a palavra parece ter perdido sua força. Revalorizar a força curativa da palavra nos alerta para a necessidade de exercermos a escuta e a consideração atenta do que escutamos e também do que falamos.

Finalizo agradecendo ao Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares, gestor acadêmico do PIBIC no Departamento de Teologia e ao Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori, representante institucional do PIBIC FAJE, pelo permanente apoio ao programa. Agradeço aos professores orientadores e aos estudantes que, com seu empenho, têm feito do PIBIC FAJE um programa em que pesquisa, troca de conhecimento, debate e auxílio mútuo têm sido características significativas.

Agradeço também às agências de fomento à pesquisa CNPq e FAPEMIG, além da própria FAJE, que têm auxiliado financeiramente os estudantes no percurso das pesquisas.